

RECIFE, 1762 E 1435: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERMANÊNCIA E O TRANSITÓRIO NAS DUAS CASAS DE SEVERIANO PORTO

RECIFE ST., 1762 E 1435: CONSIDERATIONS ABOUT PERMANENCE AND TRANSITORY IN TWO HOUSES OF SEVERIANO PORTO

Marcos Paulo Cereto

Universidade Federal do Amazonas, UFAM

mcereto@hotmail.com

Luiza Santos

Universidade Federal do Amazonas, UFAM

luizasantos739@gmail.com

Vasilka Espinosa

Universidade Federal do Amazonas, UFAM

vasilka.espinosa@gmail.com

Resumo

Este ensaio é um recorte da pesquisa “Severiano Porto e a arquitetura moderna na Amazônia” e resalta a importância desse arquiteto *peregrino* na arquitetura moderna brasileira. *Mineiro de nascimento, carioca por formação e amazonense de coração*, iniciou a sua trajetória em Manaus em 1965 e conduziu o processo de modernização da arquitetura e também do estado do Amazonas. Apresenta as duas casas projetadas pelo arquiteto para a sua família em Manaus: Recife, 1762 e 1635. A primeira casa construída, a Casa Cafundó (construída em 1967 e já demolida) na Rua Recife 1762, representava a quebra de paradigmas na maneira de morar na cidade. A segunda casa na Rua Recife, 1435 (construída em 1971 e demolida em 2003), foi premiada pelo IAB/GB em 1971. Enquanto a primeira casa construída apresentava as características do transitório, a segunda apresentava a discussão sobre a permanência. O redesenho e a modelagem dos dois exemplares resgata um momento significativo da arquitetura moderna brasileira e particular para a Amazônia. Navegando pela permanência e o transitório, entre o universal e o regional, Severiano Porto é atemporal e merece a reverência como um importante arquiteto moderno na história da arquitetura brasileira.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna. Severiano Porto. Amazônia

Abstract

This essay is part of a research "Severiano Porto and modern architecture in the Amazon" and speaks the importance of this pilgrim architect in modern Brazilian architecture. *Mineiro* birth, *carioca* by training and *amazonense* by heart, began his career in Manaus in 1965 and led the process of modernization in architecture and also in the state of Amazonas. Presents the two houses designed by the architect for his family in Manaus: Recife St., 1762 and 1435. The first house built, the *Casa Cafundó* (built in 1967 and demolished) at Recife St. 1762 and refers the condition of the break of paradigms in way to live in the city. The second house on Recife St., 1435 (built in 1971 and demolished in 2003), it was awarded the IAB / GB 1971. While the first house built had the characteristics of the transition, the second had a discussion on permanence. The redesign and modeling of two houses rescues a significant moment in Brazilian modern architecture and particularly to the Amazon. Allow to analyze and provide reflections on the Amazon modernity. Browsing the permanence and the transition between the universal and regional, Severiano Porto is timeless and deserves reverence as an important modern architect in the history of Brazilian architecture.

Keywords: Modern Architecture. Severiano Porto. Amazônia.

1 INTRODUÇÃO

Severiano Porto nasceu em 19 de fevereiro de 1930 em Uberlândia. Filho de educadores, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro aos cinco anos de idade e formou-se na Faculdade Nacional de Arquitetura em 1954. Visitou Manaus pela primeira vez em 1963 e, posteriormente, foi convidado para realizar projetos no Amazonas pelo seu vizinho no Rio de Janeiro, o sociólogo Arthur Ferreira Reis, nomeado interventor do estado do Amazonas em 1964 pelo presidente Humberto Castelo Branco. Os primeiros projetos desenvolvidos foram a reforma do Palácio do Governo, a sede da Assembléia Legislativa do estado, a sede para a Secretaria de Produção do estado, escolas padrão pré-fabricadas em madeira e o estádio Vivaldo Lima. O estádio Vivaldo Lima recebeu uma Menção Honrosa em 1965 na categoria “Edifício para fins recreativos” pelo IAB/GB.

Em 1967, com o início da construção do estádio mudou-se com a família para a cidade e construiu a sua primeira residência na Rua Recife, 1762: o Cafundó. Nesse mesmo ano foi premiado pelo IAB/GB na categoria “Edifício para fins recreativos” com o Restaurante Chapéu de Palha. Apresentava-se como um “Mineiro de nascimento, carioca por formação e amazonense de coração” um legítimo brasileiro nesse país em modernização provocada pelos arquitetos peregrinos, como já mencionava Hugo Segawa em “Arquiteturas do Brasil – 1900-1990”. Participou do processo de modernização da arquitetura e também do estado do Amazonas como um importante personagem político. Nesse primeiro momento, foi membro do Conselho Estadual de Cultura (1967-1970) e integrou o Grupo Técnico de assessoramento e coordenação dos programas setoriais do plano quinquenal do Governo do estado (1968-1970). Realizou importantes projetos de infraestrutura como os edifícios para a Companhia Amazonense de Telefonia, em 1965 em Manaus e posteriormente nas unidades do interior do estado. Essas implantações em diversas cidades exigiram austeridade e um rigoroso cuidado na escolha da técnica construtiva e dos materiais devido a complicada logística para evitar atrasos e aditivos na obra. Criou o Caderno de Encargos com os engenheiros Milber Guedes e Sérgio Machado que funcionou como um importante instrumento para fiscalização de obras para o governo. Em 1968, iniciou a sua trajetória no então Território de Roraima com o projeto da agência dos Correios. Em 1971, construiu a sua segunda casa situada na Rua Recife, 1435, que recebeu o Prêmio Marcello Roberto pelo IAB/GB no mesmo ano. Em 1972, recebeu a premiação na categoria “Edifício para fins de abastecimento” para os Reservatórios Elevados da COSAMA. Em 1974, a premiação foi para o edifício-sede da SUFRAMA na categoria “Edifícios públicos”. Participou ativamente da criação do CREA no Amazonas, inicialmente como uma inspetoria do Pará e em 1974 como conselho estadual. Foi responsável pela abertura do IAB no Amazonas em 1978. Em 1978, foi premiado agora pelo IAB/RJ, na categoria “Habitação Unifamiliar” com a Residência Robert Schuster e também na mesma categoria foi agraciado com a menção honrosa pelo projeto da Residência João Luiz Osório em Cabo Frio no Rio de Janeiro. Em 1982, foi premiado na categoria “Arquitetura – obra construída” com a Pousada em Silves. Alcançou o ápice sul-americano quando venceu o prêmio *Universidad de Buenos Aires* na Bienal de Buenos Aires em 1985. A visão particular da sua obra com o diálogo desejado entre a universalidade e a cultura local apresentou um caminho possível para a arquitetura latino-americana diante da revisão discutida e do urbanismo moderno contestado pelos textos da época. Em 1987, foi a “Personalidade do Ano” pelo IAB/RJ e Prêmio IAB/RJ na categoria “Espaço de interação social” com o Campus da UA e o Centro de Proteção Ambiental de Balbina que também receberam a menção honrosa na Premiação Nacional. A participação destacada no incipiente Seminário de Arquitetura Latino-americana – SAL na “década perdida” demonstrou a sua importância e protagonismo na arquitetura brasileira e latina.

Nos 36 anos em que residiu na Amazônia, realizou mais de 300 projetos nos estados do Amazonas, Pará, Rondônia, Acre, Roraima, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. Além das premiações pelas obras realizadas, foi agraciado com títulos, medalhas e honras pelo poder público municipal, estadual e federal. Na década de 90, reduziram-se as demandas pelos seus projetos e obras na Amazônia comparada as duas décadas anteriores o que provocou o seu retorno

ao Rio de Janeiro em 2002. Em 2003, recebeu o título Doutor *honoris causa* pela UFRJ. Atualmente encontra-se internado em uma clínica devido avançado quadro do Alzheimer.

As casas da Recife, representam um importante capítulo na história da arquitetura moderna na Amazônia. A primeira casa construída, Recife 1762 (construída em 1967 e já demolida) representa a quebra de paradigmas na maneira de morar na cidade no seu tempo. A moradia no subúrbio, junto ao “banho” e o resgate da madeira para edificações da burguesia local. Além desses três pontos, um olhar atento aos precedentes modernos na Amazônia realizados por Oswaldo Bratke e Álvaro Vital Brazil somadas à experiência serrana de Lucio Costa. A segunda casa na Rua Recife, 1435 (construída em 1971 e demolida em 2003), é uma relação direta as casas de final de semana na região de Petrópolis dos arquitetos cariocas nas décadas de 40 e 50. Enquanto a primeira casa construída apresentava características do transitório, a segunda apresentava a permanência. Navegando pela a permanência e o transitório, entre o universal e o regional, Severiano Porto é atemporal e merece a reverência como um importante arquiteto moderno na história da arquitetura brasileira.

2 RECIFE, 1762

Para analisarmos a importância desse projeto para a região amazônica é necessário um breve resgate histórico sobre a economia, a cultura e a ocupação da região. Com a elevação do Amazonas à categoria de província, em 1850, a cidade da Barra do Rio Negro tornou-se a capital do Amazonas e seria nomeada *Manáos* em 1856. Com a Revolução Industrial, a borracha tornou-se um objeto cobiçado e valorizado pelas indústrias na Europa e nos Estados Unidos. A “árvore da fortuna”, a seringueira, produzia o látex e foi o principal artigo de exportação na balança comercial brasileira no período da proclamação da República. Em 1868, o engenheiro alemão Franz Keller-Leuzinger, contratado para trabalhar na ferrovia Madeira-Mamoré, registrou que mesmo sendo capital da província, Manaus não passava de uma insignificante cidade de 3000 habitantes. O Código de Posturas de 1872 determinava o embelezamento da cidade nos moldes europeus e considerava selvagens as construções em madeira e palha. Durante o ciclo da borracha, a cidade de Manaus viveu um período de grande efervescência econômica e cultural. A borracha era vendida em libras esterlinas e representava 40% das exportações brasileiras. Belém e Manaus foram pioneiras na utilização de luz elétrica e apresentavam um desenvolvimento urbano diferenciado das demais cidades brasileiras. Nesse período, a cidade de Manaus tornou-se a capital mundial de vendas de diamantes e tinha o PIB duas vezes maior que São Paulo ou Rio de Janeiro.

Eduardo Ribeiro foi um engenheiro militar, nascido no Maranhão que teve um papel importante no movimento republicano como um dos editores do jornal “O Pensador” no Maranhão. Positivista, foi nomeado professor da Escola Superior de Guerra no Rio de Janeiro, mas assumiu o Governo do estado do Amazonas em 1890 e promoveu a construção do Reservatório do Mocó, do Teatro Amazonas, da ponte de ferro da Rua Sete de Setembro e do Palácio da Justiça. Em 1892, desenvolveu um plano urbanístico de expansão urbana possibilitada pelo aterramento de igarapés e vias em traçado xadrez.

O ciclo da borracha entrou em decadência na segunda década do século XX quando os ingleses plantaram sementes das seringueiras da Amazônia na Malásia e produziram o látex com um custo menor. A decadência foi inevitável e provocou um processo de estagnação e retração da economia, com o abandono de propriedades pelos Barões da Borracha. O desemprego nos seringais induziu os trabalhadores que migrassem para Manaus. A falta de terras e moradias, aliada a perspectiva econômica desfavorável fez que muitos ocupassem a beira do rio Negro e foi configurada a Cidade Flutuante. Com a Segunda Guerra Mundial, os japoneses dominaram militarmente o Pacífico Sul em 1939 e controlaram a produção na Malásia. O Acordo de Washington foi celebrado em 1942 e possibilitou além da Companhia Siderúrgica Nacional, a construção de bases militares no norte e

nordeste e a criação do SEMTA – Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia, que proporcionou o deslocamento dos “soldados da borracha” para retomar a extração do látex na Amazônia. Esse curto período de euforia foi interrompido com o término da guerra e uma nova migração à Manaus com o aumento da população da Cidade Flutuante que chegou a abrigar 12.000 pessoas em construções em madeiras sobre as águas.

Com a criação da Zona Franca de Manaus em 1957, havia uma nova perspectiva econômica para a região. Somente em 1967, foram definidas as isenções fiscais o que provocou o novo modelo econômico. A modernização da cidade era necessária e a nova arquitetura deveria representar esse espírito de crescimento da economia do Amazonas. A palafita, a madeira, a cidade flutuante representavam o conflito com a burguesia local com a ocupação da cidade flutuante nas proximidades da Praça dos Remédios no centro da cidade. O Interventor Arthur Ferreira Reis contratou os arquitetos Luiz Carlos Antony e Fernando Pereira da Cunha para realizarem o Plano Diretor de Manaus em 1965. A proposta previu a expansão do Plano de Eduardo Ribeiro realizado em 1902 para uma cidade polinucleada com 800.000 habitantes. A ocupação em direção ao norte para o interior da floresta afastou a cidade do Rio Negro. O plano era dividido nos seguintes pontos: plano viário, plano cultural, plano industrial, plano habitacional e plano turístico. O plano viário definia a expansão das vias e a construção de um anel periférico. O plano cultural, a construção de edifícios públicos como o Palácio Cultural, o Museu do Índio, Pinacoteca, Numismática, Auditório e Restaurante Típico. No plano industrial, o plano do Distrito Industrial na Zona Leste da cidade. No plano habitacional, a criação da COHAB-AM e a contratação dos arquitetos Cesar Oiticica e Ivan Pimentel para compor a equipe com Antony e Pereira. Dentre os trabalhos realizados, a construção do conjunto de Flores, o término do conjunto da Raiz e o projeto para Conjunto do Parque 10 de Novembro. No plano turístico, a construção de um centro de convenções e do Balneário do Parque 10, um parque urbano dotado de piscina pública e local para a prática de esportes para atender a necessidade da cidade que se desenvolvia para o norte. Com a construção dos conjuntos habitacionais, estava decretado o término da cidade flutuante que foi afundada em 1967.

Diante desse cenário, Severiano Porto mudou-se com a família para Manaus para o início da construção do estádio e também desenvolveu o projeto do Balneário do Parque 10 em 1967. Esse parque urbano estava inserido junto ao Igarapé do Mindú, após o cemitério municipal e a Vila Municipal. O local, distante do centro da cidade, era utilizado como uma praia pela população para os “banhos” nos feriados e finais de semana. O programa para o Balneário previa edifícios para fins administrativos, educacionais e de serviços público além de amplo espaço para o lazer. Era estruturado por uma grande piscina natural telada em cotovelo, determinada pela geometria do terreno e pela geografia do lugar que oferecia conforto para a população junto as águas do igarapé. Mesmo distante do rio, o parque resgatava a tradição através da piscina natural pública. Próximo ao Balneário do Parque 10, um novo loteamento foi iniciado junto a rua Recife, que delimitava ao oeste com o Balneário. Nesse loteamento havia terrenos generosos e sítios afastados do centro da cidade. O empreendimento público do Balneário valorizava a região da Vila Municipal, que já tinha construções recentes pelas famílias descontentes com a Cidade Flutuante. Em um amplo terreno na rua Recife, 1762 foi construída a Casa Cafundó.

Vale observar quatro pontos relevantes sobre a natureza do projeto realizado em 1966. Em primeiro lugar, a origem profissional do arquiteto no berço cultural brasileiro onde mantinha uma recente sociedade com o colega Mario Emílio Ribeiro, responsável pelo contato com os fornecedores e pelo desenvolvimento dos projetos. Manaus era uma cidade promissora, com boas perspectivas, mas também com grandes dificuldades. O início da construção da primeira grande obra do arquiteto, o estádio Vivaldo Lima, as novas demandas do setor público e o iminente início da Zona Franca de Manaus motivaram a mudança da família para a cidade. Contudo, a construção de uma habitação permanente era questionável por uma possível dificuldade de adaptação familiar, seja pela sua esposa Gilda Porto ou pelo filho único Mário Porto com sete anos. A definição da técnica construtiva seria fundamental para permitir uma habitação temporária para uma família carioca em adaptação

na Amazônia, mas que representasse a modernidade da arquitetura brasileira. O segundo ponto importante desse projeto foi o rompimento de paradigmas da moradia na Amazônia. Morar junto a um “banho” era transgressor e ao mesmo tempo moderno. O terceiro ponto era o autofinanciamento da obra e a necessidade de reduzir custos e otimizar a logística da construção. Nesse período não havia a produção de cimento na cidade e o produto era importado da Venezuela. O ferro vinha de navio e a pedra arenito da região não era adequada para o concreto. A madeira era negada desde o código de posturas de 1872 até a então contemporânea cidade flutuante. Além de reduzir o custo, possibilitava a imediata execução com a mão de obra disponível. O quarto ponto sobre a possibilidade de projeção profissional que a oportunidade permitiu, frente aos lotes no entorno imediato e nos novos contratos para projetos de casas nos conjuntos em construção.

No terreno de 1 hectare, havia um curso d’água onde foram instaladas comportas para o controle e desvio das águas do igarapé para um lago artificial em frente a área de jogos da residência. A topografia do terreno era dividida pela depressão causada pelo curso da água, onde estava a porção modificada e plana do lote com duas parcelas assimétricas para leste e oeste. A oeste, a rua Recife e a leste a porção maior do lote. No terreno foi realizada uma contenção em muro de arrimo com pedra jacaré. Havia também um cômodo em alvenaria que foram incorporados no projeto da residência. A baixa ocupação do lote possibilitava um percurso romântico por um traçado sinuoso que descia pela rua Recife, contornava a curva de nível para cruzar em uma pequena ponte o curso d’água e acessava a parte mais baixa e plana destinada as atividades de lazer. A edificação ficava afastada da via, o que permitia uma maior privacidade ampliada pela topografia e pela mata existente.

A casa estava alinhada no eixo norte e sul, desfavorável pela radiação provocada pela orientação solar indesejada, mas adequada pela topografia resultante derivada do muro de contenção existente e também pela configuração geométrica do terreno. No pilotis, espaço para estar e armar redes, banheiro e vestiário no cômodo existente inserido no muro de arrimo e a escada para o primeiro pavimento. Os blocos de fundação eram semienterrados em um rústico contrapiso de concreto. As peças em maçaranduba dispostas em sanduíche foram enterradas nos blocos e determinavam cinco vãos no parte em madeira da residência. No primeiro pavimento, a casa foi dividida em duas partes: a maior em madeira, ao oeste sobre o pilotis e a menor em alvenaria, ao leste sobre a solo e o muro de arrimo existente. Na parte em madeira, foi utilizado o louro serrado com aplicação de verniz a base de poliuretano. A compartimentação obedeceu a modulação estrutural disposta no pilotis distribuída em dois módulos para sala de estar e um módulo para cada um dos três quartos. As esquadrias não tinham vidro e eram em régulas reguláveis de cedro. Na parte externa, uma varanda contínua protegida pela cobertura com telha BRASILIT com um balanço generoso. O piso, o forro, as paredes dos quartos e dos armários foram realizados com tábuas de friso. Na parte em alvenaria, a copa, a cozinha e o banheiro.

A casa do Cafundó divulgou o trabalho de Severiano Porto em Manaus e provocou a discussão sobre arquitetura moderna em Manaus. Após a conclusão da casa, o arquiteto foi contratado para desenvolver outros três projetos residenciais no ano seguinte, consolidando a sua trajetória e a sua permanência na Amazônia. A casa Recife 1762 custou 25% mais barato que as construções do mesmo período realizadas pelo COHAB-AM e representava mais do que a simples utilização da madeira. O pensamento moderno de um arquiteto brasileiro na periferia dos grandes centros que precisa solucionar a construção com a mesma qualidade, sem os mesmos recursos. A modernidade das soluções, do planejamento da construção, na escolha dos materiais e das técnicas construtivas demonstram diferentes caminhos da arquitetura moderna brasileira e a sua importância no desenvolvimento do Brasil. A família Porto viveu no Cafundó até 1971, quando foi concluída a sua nova residência em Manaus: Recife 1435.

3 RECIFE, 1435

Passado o período de adaptação e dúvidas quanto à permanência em Manaus, Severiano Porto tornou-se um importante ator do desenvolvimento do estado do Amazonas. Após a construção da residência no Cafundó, em 1967 e da inauguração do estádio Vivaldo Lima, em 1970, consolidou a sua trajetória como arquiteto na Amazônia, comprovada pelos prêmios e condecorações que acumulava. Em 1971, já havia realizado 66 projetos na região. Em um dos projetos realizados recebeu como gratificação um terreno na mesma rua da residência do Cafundó, mais ao sul da cidade. O terreno de esquina com a Estrada Velha do Mindú era menor e ficava do outro lado da rua. Em formato de um leque, o terreno tinha aproximadamente 30 metros em cada um dos lados e a curva definia a esquina. A topografia era praticamente plana e o terreno ficava mais elevado do que a rua Recife.

A casa respeitava a geometria do terreno e foi posicionada de forma ortogonal aos vértices sul e oeste do lote. A frente do terreno era ocupada com árvores de médio porte que auxiliavam no sombreamento da edificação. A orientação desfavorável da fachada principal e o alinhamento do corpo da residência no eixo norte e sul determinavam um cuidado rigoroso com a proteção da fachada leste no segundo pavimento para redução da carga térmica. O partido da casa apresentava um jardim interno, com a escada e a sala de jantar com um pé-direito duplo como elemento estruturador do espaço, e duas barras paralelas alinhadas ao eixo norte-sul. No térreo, o ingresso ocorria pela primeira das barras paralelas que era definida externamente pelos pilares em itaúba e maçaranduba assentados diretamente no solo, no lado leste e dentro da casa no lado oeste. Esse pilares em madeira lavrada não receberam nenhum tipo de tratamento. Ao lado do acesso o abrigo para o carro e a sala de estar. A sala de estar *jalousie* na fachada leste e a escada junto ao muro em pedra no oeste. A escada e sala de jantar ficavam em um espaço com pé-direito duplo, fechado com elementos vazados na fachada sul junto ao jardim descoberto. A varanda íntima estava no oeste da residência. O bloco de serviços da casa estava no térreo e era em alvenaria contíguo ao setor social. No segundo pavimento, uma passarela conectava as duas alas separadas pelo vazio da escada. Na ala leste duas suítes e no oeste o estar íntimo. Foi utilizada laje de concreto apenas nos banheiros. A dualidade entre o aberto e o fechado, entre a luz amarela produzida pelos vidros coloridos e o escuro da madeira lavrada define a riqueza de soluções do projeto.

A casa foi premiada pelo IAB/GB em 1971 com o Prêmio Marcello Roberto. Em entrevista realizada com Severiano Porto, o arquiteto afirmou que não era contra a demolição da casa. Afirmava que depois de 30 anos a cidade de Manaus não era mais a mesma, e devido as modificações climáticas, a casa não funcionava. O arquiteto vendeu o terreno para a Cristal Engenharia e em 2003, a construtora desmontou a edificação e doou para o IAB/AM para uma possível reconstrução como a sede do instituto em um terreno que seria doado pela Prefeitura Municipal de Manaus. As peças sumiram assim como a permanência de um projeto bioclimático em um lote urbano de uma grande cidade.

4 CONCLUSÕES

Severiano Porto projetou 56 casas nos 36 anos em que esteve na Amazônia. As duas casas apresentavam qualidades indiscutíveis e foi possível identificar relações importantes com precedentes arquitetônicos. Paralelo a uma análise projetual é possível perceber diferenças significativas na documentação documental das duas casas. No Acervo Severiano Porto, mantido pelo NPD/UFRJ, é possível verificar uma quantidade de detalhes arquitetônicos maior na Recife 1762. Esse fato possibilita uma reflexão sobre o amadurecimento do arquiteto na obra e um aprofundamento maior na investigação sobre a maneira de manejar a madeira pela mão de obra disponível. Outro fator que leva a essa conclusão é a utilização da madeira lavrada sem trabalho de serralha e com dimensionamento acima do necessário. A liberdade poética e formal sobre a interferência da natureza na construção sugere uma flexibilidade maior no rigor e na precisão que

havia na primeira residência. Para utilizar madeira praticamente como *as found*, era necessária uma tolerância maior com as medidas no canteiro, o que poderia justificar uma menor de detalhes realizados no escritório e uma necessária presença maior na obra. A casa do arquiteto Carlos Ferreira e de Hildebrando Accioly do arquiteto Francisco Bolonha de 1949 na região serrana do Rio de Janeiro demonstravam essa mesma estratégia.

O redesenho e a modelagem das duas casas permite o resgate do valor do projeto de Severiano Porto. A preservação digital é uma maneira de resgatar edifícios que foram demolidos ou projetos que não foram construídos. As duas casas demolidas podem ser revisitadas e levantar possibilidades de discussão sobre a habitação na Amazônia. Na Recife 1762 foi mais simples realizar o redesenho e a modelagem apesar dos poucos registros fotográficos. Já em Recife 1432, houve momentos de encruzilhada pela incompatibilidade entre as fotografias e os desenhos arquitetônicos.

Não há como negar que o meio interfere na produção do arquiteto. A arquitetura moderna brasileira é um exemplo do diálogo entre o universal e o regional. A Amazônia provocava uma inquietação no início dos anos setenta com o Plano de Integração Nacional e a participação destacada de Severiano Porto nos concursos do IAB/GB refletia também o processo de abertura da arquitetura brasileira para a pluralidade dos anos oitenta. Em contraponto, não é possível afirmar em uma arquitetura inovadora de Severiano Porto devido o apego a tradições vernaculares. É inegável que Severiano Porto teve forte influência dos cânones do modernismo brasileiro. Álvaro Vital Brazil foi um modernista pioneiro na construção dos pousos para SEMTA em 1943 e nos projetos da Base Aérea de Manaus (1944) e para o Aeroporto de Belém (1944). Compreendeu que era imperativa a utilização de materiais e mão de obra do lugar nas construções da região norte para não inviabilizar as obras pela logística na periferia brasileira. No projeto de Lucio Costa para o Park Hotel em 1944, é possível traçar paralelos com Recife 1762 que indicam um olhar atento de Severiano Porto ao trabalho do mestre. Um novo loteamento em uma região distante, a construção de uma edificação que funcionasse como um “stand de vendas” para o loteamento e também para captar futuros projetos para o arquiteto, a utilização da modernidade em uma técnica construtiva “tradicional”, a setorização das partes do edifício de acordo com a tecnologia adotada: estrutura em pilotis de madeira para os espaços servidos (área social e dormitórios) e alvenaria tradicional nos espaços servidos (cozinha, área de serviços, depósitos e dependências afins). O projeto da Vila Serra do Navio e Vila Amazonas de Oswaldo Bratke em 1955 era mencionado por Severiano Porto como exemplo de metodologia de pesquisa projetual. Por outro lado, é notória a utilização da identidade formal das tipologias residenciais, na forma de proteger o pilar de madeira quando toca o solo (Recife 1762), a na utilização de esquadrias com régua reguláveis e sem vidro. Curiosamente, abandona a proteção da base dos pilares na Recife 1435 fato que se repetirá em 1978 na Residência de Robert Schuster em 1987 no Centro de Proteção Ambiental de Balbina.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não seria possível sem o apoio da FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas. Ao NPD/UFRJ – Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que mantém o acervo de Severiano Porto e gentilmente possibilitou o acesso para a realização da pesquisa. A família de Severiano Porto, em especial à Paula Porto, que contribui significativamente com informações para o artigo.

REFERÊNCIAS

CERETO, M.P. Severiano Porto: The world cup lost. In: PROCEEDINGS OF THE 13TH DOCOMOMO INTERNATIONAL CONFERENCE SEOUL – EXPANSION & CONFLIT. 2014, Seoul: Com-Pro Namyang, 2014. p. 136-139.

COMAS, C. **Arquitetura moderna, estilo campestre**. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.123/3513>. Acessado em 12 mar.2016.

KELLER-LEUZINGER,F. **The Amazon and Madeira rivers**. Londres: Chapman and Hali, 1874.

REIS, A.C.F. **Como governei o Amazonas (relat[orio de dois anos e seis meses de seu mandato como Governador do Estado do Amazonas, no per[iodo de 27 de junho de 1964 a 31 de janeiro de 1967**. Relatório Oficial, Manaus: Secretaria de Imprensa e Divulgação, 1967.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 1999.

SEGAWA, H.; DOURADO, G. M. **Oswaldo Arthur Bratke. A arte de bem projetar e construir**. 2. ed. São Paulo: PW Editores, 2012.

YPIRANGA, M. **Fundação de Manaus**. 4. ed. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1994.